

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto I

MARIA

Wanda Engel Aduan

Quando penso num símbolo para o Dia Internacional da Mulher, vem à minha mente Maria.

Maria pobre, negra e favelada, residente num barraco qualquer de uma favela do Rio de Janeiro. Maria que, apesar de ter freqüentado, por três anos, uma escola, não conseguiu aprender a ler. A precariedade da escola e a falta de professores nunca foi levada em conta e ela acabou convencida de que era "ruim de cabeça".

Violentada aos onze anos pelo padrasto, Maria se vê grávida de José aos treze. Feliz com o acontecimento, vê aí a oportunidade de prender José e talvez deixar de ser uma maria ninguém. Passam a viver juntos, e apesar dos inúmeros bicos, José não consegue cumprir seu papel de provedor daquela já então grande família.

Derrotado, fragilizado, José começa a beber e a bater em Maria, acabando por abandoná-la. Maria tenta com Pedro, que também a surra, e com Antônio, ligado ao tráfico, que, ao morrer em mais uma guerra de morro, acaba obrigando a que todos se mudem do lugar.

Hoje, Maria é a única responsável pelos cinco meninos gerados nessas relações. Se sente cansada, frágil, abatida. Não sabe o que fazer com Maicol, filho mais velho, menino vivo que apareceu em casa calçando inexplicavelmente um tênis Nike novinho. Nem com Lucineide, treze anos, que já mostra no corpo os primeiros sinais da gestação de uma nova vida, já batizada com o nome de Vitória.

Maria, Lucineide, Vitória, três personagens de um ciclo intergeracional de pobreza que tem na mulher seu epicentro.

Na verdade, assistimos hoje, no Brasil, a um agudo processo de feminilização da pobreza. Dados que cruzam rendimento, gênero e raça mostram que, enquanto o salário médio do homem branco está em torno de R\$ 522,59, o do homem não branco (negros, pardos e indígenas) gira em torno de R\$ 270,71, o da mulher branca em R\$ 239,31, enquanto que o da mulher negra chega a apenas R\$ 124,58. O percentual de famílias chefiadas por mulheres está em 25,9%, sendo que, na faixa de renda familiar até ¼ do salário mínimo, este percentual chega a 43,9%.

Mulheres pobres são, sem dúvida, as maiores vítimas da exclusão. São elas que recebem os mais baixos salários, e são elas que acabam arcando sozinhas com a responsabilidade de manter e educar os filhos.

A paternidade responsável ainda é uma conquista a ser alcançada, e o homem não hesita, num momento de crise, em abandonar mulher e filhos e partir para uma nova vida.

Daí a importância de focalizar na mulher os programas de superação da pobreza. Apoios sociais como bolsas que garantem a saída da criança do trabalho precoce, programas de renda mínima, titulação de terra, habitação popular, devem ter a mulher como beneficiária prioritária. É a renda, a posse da terra, e da casa, a documentação, que fazem dessa mulher uma cidadã, com possibilidade de definir seu destino e de seus filhos, reagindo à violência doméstica, enfrentando o fim de relacionamentos e reiniciando outros em igualdade de condições com o parceiro.

É preciso destacar, também, que esta mulher é hoje a maior vítima da epidemia do século — o vírus do HIV.

Maria tem de ser, portanto, o foco e o sujeito da luta por uma sociedade mais justa. Para isto há que ser apoiada, informada, capacitada. Porque somente Maria pode, ela própria, promover a ruptura deste ciclo intergeracional de pobreza.

Maria que seja capaz de compreender a importância de colocar todos os seus meninos na escola, que não permite o envolvimento deles em trabalho precoce e impedor de um futuro melhor. Maria habilitada a se proteger contra o vírus da Aids, conhecer seu corpo,

e gerenciar sua fertilidade. Maria conhecedora de seus direitos e de suas responsabilidades e apta a argumentar em sua defesa.

Se a esta Maria mais forte, mais capaz e mais bem informada associaram-se governos e sociedade, conscientes da importância de garantir as nossas cidadãs mais fragilizadas, de forma absolutamente prioritária, seus direitos sociais básicos, não tenhamos dúvida de que estaríamos entrando em um novo milênio com novas marias e com um país melhor.

WANDA ENGEL ADUAN é secretária de Estado de Assistência Social.

(Jornal O Globo, Sábado, 18 de março de 2000.)

01 "... e talvez deixar de ser uma maria ninguém." O processo de formação de palavra articulado no termo sublinhado foi:

- | | |
|------------------------|------------------|
| (A) derivação sufixal. | (D) conversão. |
| (B) parassíntese. | (E) aglutinação. |
| (C) justaposição. | |

02 "... e talvez deixar de ser uma maria ninguém." O autor, ao articular esse processo de formação de palavra, teve a intenção de construir um sentido.

Podemos dizer que o sentido articulado foi:

- | |
|---|
| (A) para denegrir Maria, uma mulher. |
| (B) para mostrar a fragilidade de Maria. |
| (C) para mostrar a insignificância de Maria. |
| (D) para generalizar a situação das mulheres. |
| (E) para sinalizar que Maria é desconhecida. |

03 "Não sabe o que fazer com Maicol, filho mais velho, menino vivo que apareceu em casa calçando inexplicavelmente um tênis Nike novinho."

O sufixo inho acrescido do adjetivo novo tem valor:

- | | |
|---------------------|-----------------|
| (A) afetivo | (D) pejorativo. |
| (B) de intensidade. | (E) irônico. |
| (C) diminutivo. | |

04 A expressão "menino vivo":

- | |
|---|
| (A) valoriza a americanização do nome do menino. |
| (B) ao mesmo tempo que valoriza o nome, é índice de transitoriedade da vida dele. |
| (C) realça a esperteza do menino por conseguir um tênis Nike. |
| (D) destaca a posição social do menino. |
| (E) expressa o fato de o menino estar vivo. |

05 "... calçando inexplicavelmente um tênis Nike ..."

O prefixo in da palavra sublinhada tem o mesmo valor do prefixo acrescido à palavra:

- | | |
|----------------|-----------------|
| (A) informar. | (D) intrômetro. |
| (B) imigrar. | (E) amoral. |
| (C) contrapor. | |

06 "... enquanto o salário médio do homem branco está em torno de R\$ 522,59, o do homem não branco (negros, pardos e indígenas) gira em torno de R\$ 270,71, o da mulher branca em R\$ 239,31, enquanto que o da mulher negra chega a apenas R\$ 124,58."

No fragmento anterior, o conectivo enquanto foi articulado, porque:

- | |
|--|
| (A) expressa melhor as discrepâncias sociais. |
| (B) expressa melhor a relação de causalidade entre os salários. |
| (C) expressa melhor a comparação salarial entre homens e mulheres. |

- (D) expressa melhor a concomitância das discrepâncias sociais.
 (E) expressa melhor a dependência entre os salários dos homens e das mulheres.

07 Marque a opção em que a análise do morfema destacado esteja correta:

- (A) foco → desinência de gênero;
 (B) capaz → vogal temática;
 (C) violentada → sufixo;
 (D) assistimos → desinência número-pessoal;
 (E) justa → vogal temática.

08 "Passam a viver juntos." (3º parágrafo)

Podemos afirmar que a oração anterior:

- (A) não tem sujeito.
 (B) apresenta sujeito inexistente.
 (C) apresenta sujeito indeterminado.
 (D) apresenta sujeito elíptico.
 (E) apresenta sujeito oracional.

09 Marque a opção em que o substantivo é sobrecomum:

- (A) pobreza; (D) sociedade;
 (B) criança; (E) papel.
 (C) vírus;

10 Se invertermos a posição do substantivo e do adjetivo, haverá mudança de sentido em:

- (A) trabalho precoce. (D) futuro melhor.
 (B) ciclo intergeracional. (E) mulher branca.
 (C) novas marias.

Texto II

O DUPLO

Debaixo de minha mesa
 Tem sempre um cão faminto
 — que me alimenta a tristeza.

Debaixo de minha cama
 Tem sempre um fantasma vivo
 — que perturba quem me ama.

Debaixo de minha pele
 Alguém me olha esquisito
 — pensando que eu sou ele.

Debaixo de minha escrita
 Há sangue em lugar de tinta
 — e alguém calado que grita.

(Affonso Romano de Sant'Anna)

11 No texto anterior, há a presença de:

- (A) função poética e função emotiva.
 (B) função emotiva e função referencial.
 (C) função poética e função apelativa.
 (D) função fática e função emotiva.
 (E) função metalingüística e função fática.

12 O título do poema estabelece uma relação de coerência com o texto, pois expressa:

- (A) a presença do sujeito poético e de um fantasma.
 (B) a voz do sujeito poético falando de si mesmo.
 (C) um sujeito poético que fala de um outro ser.
 (D) a fragmentação do sujeito poético.
 (E) a presença de dois sujeitos poéticos.

13 Quanto ao gênero literário, pode-se afirmar que o texto é:

- (A) híbrido. (D) épico.
 (B) narrativo. (E) descritivo.
 (C) lírico.

14 "... e alguém calado que grita."

A figura de linguagem que se encontra nesse verso é:

- (A) ironia. (D) paradoxo
 (B) personificação. (E) antítese.
 (C) pleonasmo.

Texto III



15 O efeito de humor da tira de Hagar deve-se:

- (A) à resposta de Helga ao filho, exclusivamente.
 (B) à expressão de admiração de Hagar.
 (C) aos sentidos denotativo e conotativo da palavra bárbaros.
 (D) à crítica de Helga aos parentes de Hagar.
 (E) à expressão de admiração do filho.

16 Sobre a palavra bárbaros na tira, pode-se afirmar que:

- (A) ela é empregada como substantivo pelo filho e pela mãe.
 (B) ela é empregada como adjetivo pelo filho e pela mãe.
 (C) ela é empregada como substantivo próprio pelo filho e substantivo comum pela mãe.
 (D) ela é empregada como substantivo pelo filho e como adjetivo pela mãe.
 (E) ela é empregada como adjetivo pelo filho e pela mãe.

Texto IV

QUANDO EU MORRER

(Castro Alves)

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
 No fosso de um sombrio cemitério ...
 Odeio o mausoléu que espera o morto
 Como o viajante desse hotel funéreo

Corre nas veias negras desse mármore
 Não sei que sangue vil de messalina
 A cova, num bocejo indiferente
 Abre ao primeiro a boca libertina

Ei-la a nau do sepulcro — o cemitério ...
 Que povo estranho no porão profundo!
 Emigrantes sombrios que se embarcam
 Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos — errantes — por santelmo,
 Tem por velame — os panos do sudário ...
 Por mastro — o vulto esguio do cipreste.
 Por gaivotas — o mocho funerário ...

Ali ninguém se firma a um braço amigo
 Do inverno pelas lúgubres noites ...
 No tombadilho indiferentes chocam-se
 E nas trevas esbarram-se as ossadas ...

Como deve custar ao pobre morto
 Ver as plagas da vida além perdidas,
 Sem ver o branco fumo de seus lares
 Levantar-se por entre as avenidas ...

Oh! perguntai aos frios esqueletos
 Por que não têm o coração no peito...
 E um deles vos dirá "Deixei-o há pouco
 De minha amante no lascivo leito."

Outro: "Dei-o a meu pai". Outro: "Esqueci-o

Nas inocentes mãos de meu filhinho"...
... Meus amigos! Notai... bem como um pássaro
O coração do morto volta ao ninho!...

- (D) poesia barroca.
- (E) poesia condoreira.

Texto V

QUANDO EU MORRER

(Mário de Andrade)

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na Rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça,
Esqueçam.

No Pátio do Colégio, afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir
O joelho na Universidade
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem ao Diabo
Que o espírito é de Deus,
Adeus.

17 "A cova, num bocejo indiferente
Abre ao primeiro a boca libertina"
(texto IV, 2ª estrofe)

Nos versos anteriores, encontramos a figura de linguagem:

- (A) Metáfora.
- (B) Prosopopéia.
- (C) Metonímia.
- (D) Hipérbole.
- (E) Anáfora.

18 Quanto aos dois textos, podemos afirmar que:

- (A) apresentam o mesmo tema e a mesma abordagem temática.
- (B) apresentam o mesmo tema e o mesmo discurso.
- (C) apresentam o mesmo tema e abordagens temáticas distintas.
- (D) não apresentam o mesmo tema.
- (E) apresentam temas distintos, com a mesma abordagem.

19 Sobre os textos, só não se pode afirmar que:

- (A) há uma intertextualidade entre eles.
- (B) o texto IV apresenta um discurso mais eloquente do que o texto V.
- (C) o texto IV ironiza a morte e o texto V ironiza a vida.
- (D) o texto V apresenta discurso que nitidamente privilegia a vida, em detrimento da morte.
- (E) o texto IV trabalha antiteticamente os campos semânticos de vida e morte como o texto V.

20 O bifrontismo do homem santo e pecador; o impulso pessoal prevalecendo sobre normas ditadas por modelos; o culto do contraste; a riqueza de pormenores — são traços constantes da:

- (A) composição poética parnasiana.
- (B) poesia simbolista.
- (C) produção poética arcádica de inspiração bucólica.